

Golpe na Polônia não é caminho socialista

No socialismo de verdade não há lugar para golpes como o do general Jaruzelski. O que houve na Polônia foi uma quartelada no estilo latino-americano, só que patrocinada pela União Soviética e não pelos Estados Unidos. O golpe e seus antecedentes na pág. 8

Manifestações em todo o país contra o pacote eleitoral

Cresce a exigência de eleições limpas em 1982. As forças democráticas unidas acumulam forças para derrotar os casuismos. O PP e o PMDB partem para a incorporação e convidam para unidade de toda a oposição. Senador Teotônio Vilela fala à *Tribuna Operária* sobre a necessidade de uma presença popular maciça em Brasília no dia da votação do pacote. Leia na página 8.



Tropas do Exército patrulham as ruas polonesas a mando do general Jaruzelski

Editorial

Em defesa do socialismo

Os trabalhadores acompanham com atenção os dramáticos acontecimentos na Polônia. Certamente muitos se interrogam como pode ocorrer um golpe militar, semelhante aos da América Latina, num país onde a classe operária implantou a democracia popular e iniciou a construção do socialismo.

A União Soviética apóia o golpe, na esperança de deixar com os generais poloneses a suja tarefa de reprimir o povo. Mas, diante da ameaça da Polônia afastar-se de sua área de influência, permanece atenta para intervir diretamente com suas tropas, como já fez na Tchecoslováquia em 1968.

Os imperialistas dos EUA e da Europa, e o Vaticano, procuram defender o sindicato Solidariedade, que atua como seu cavalo de Tróia no campo soviético. E aproveitaram para fazer propaganda contra o socialismo. Apreçoam que a crise polonesa é a crise do socialismo.

Na verdade, a crise é dos renegados do socialismo, dos que abandonaram a ideologia do proletariado e voltaram para os braços da burguesia. Crise dos que liquidaram as conquistas socialistas da classe operária e restauraram o capitalismo. Crise que atinge todos os países do bloco revisionista mas que explode principalmente na Polónia, que se tornou o elo mais fraco da corrente.

Os governantes poloneses voltaram-se contra o socialismo, aburguesaram-se, romperam com a classe operária e despertaram protestos em todo o país. Como perderam o apoio do proletariado, não têm como mobilizar as massas para combater as tentativas do Solidariedade de entregar a Polónia ao imperialismo ocidental. Têm que recorrer ao golpe e à violência.

Longe de indicar que o socialismo não funciona, como procuram difundir os capitalistas, a crise polonesa mostra que o abandono da teoria científica e do caminho revolucionário socialista é que

leva ao fracasso. Basta lembrar o exemplo da Albânia, que se mantém fiel ao socialismo, e que se desenvolve sem crises, melhorando a cada dia as condições de vida do povo.

A burguesia ocidental tenta apresentar o sindicato Solidariedade como a solução operária para a Polónia. E existe quem embarque nesta canoa furada. Mas as propostas do Solidariedade não passam de uma meia sola (mal feita) da chamada *autogestão* já aplicada com funestas conseqüências pelos revisionistas na Iugoslávia.

O Solidariedade manobra com justas reivindicações operárias e procura canalizar a revolta popular espontânea para um caminho oposto ao socialismo. O movimento espontâneo sem a luz da teoria revolucionária não leva ao socialismo. Esta falsa solução, patrocinada pelo imperialismo e pela ultra-reacionária igreja polonesa não pode enganar os trabalhadores muito tempo.

O golpe militar teleguiado de Moscou, assim como as manobras do Solidariedade com a supervisão da burguesia ocidental, são duas faces de uma mesma moeda. Visam combater o socialismo e sufocar o sentimento revolucionário da classe operária. São soluções burguesas que só podem agravar a crise na Polónia.

Fora da revolução, sob a direção de uma vanguarda operária que domine a teoria científica do socialismo, não existe saída para os graves problemas que afligem o povo polonês.

De nada vale os traidores do proletariado enlamearem a cada dia a imagem do socialismo. De nada vale os apologistas do capitalismo utilizarem os problemas da degeneração burguesa da revolução na Polónia para darem uma falsa idéia do socialismo. A crise polonesa, assim como de todos os países sob a tutela da URSS, faz parte da crise mundial do capitalismo. Não há força capaz de impedir que a classe operária de todo o mundo rompa com seus grilhões e construa um novo mundo socialista.

As entidades de São Paulo criam a sua Comissão Sindical Unificada

A decisão contou com a participação unânime de 59 sindicatos. Pág. 4



Posseiro desmascara o Major Curió

Agente do Exército desmoralizado em Ronda Alta. Página 8

PM derrubou a escola



Acima, a escola de Camuim, depois do primeiro ataque, quando estava sendo reconstruída pelos posseiros; abaixo, os frutos do segundo ataque. Leia na página 5

O partido proletário, necessidade histórica

Há 5 anos atrás o Exército, numa operação de guerra assassinou três dirigentes do PC do Brasil. O enorme poder de fogo dirigido contra homens desarmados indica o medo e o ódio dos generais à organização da classe operária. (Foto ao lado da porta semi-destruída a tiros). Veja a história e um artigo de Pedro Pomar (assassinado) publicado na clandestinidade. Página 5



Delfim anuncia dívida externa de 118 bilhões de dólares em 1990

Acha que o Brasil só pode se desenvolver pedindo dinheiro aos bancos estrangeiros. Página 3

CDA
Centro de Documentação e Memória
publicado na clandestinidade. Página 5



Congresso unirá bairros e favelas de todo o país

Nos dias 16 e 17 de janeiro será realizado no Ginásio do Pacaembu, em São Paulo, o Primeiro Congresso Nacional das Associações de Moradores de Bairro. Numerosos delegados de todo o país deverão participar do evento, que poderá transformar-se num importante ato de repúdio ao regime de excessão e arbítrio.

radores são muito mais amplos. O encontro decidiu, por exemplo, que o Conselho devia lutar contra o pacote eleitoral".

Trata-se agora de fazer com que o Congresso também chegue a estas conclusões. E para isso ele precisa ter representatividade, com representantes eleitos em assembléias, dois delegados por associação, 5 de entidades municipais e 10 diretores de federações estaduais.

"Cada delegado — afirma Ana Martins, diretora da SAB de Ponte Rasa — deve levar ao encontro as decisões majoritárias dos moradores. Assim estaremos criando mais um poderoso instrumento de luta por melhores condições de vida para o povo da periferia e abriremos caminho para acabar com este governo que pouco se interessa por nós".

verno, que se aproveitavam da despolitização da entidade para aparecer como os que conseguiram isso ou aquilo para o bairro. Isso ocasionou um profundo desgaste e uma descrença na entidade".

Hoje o quadro mudou. A própria crise econômica e política do governo dos negreiros contribuiu para que os moradores percebessem que, sem participar da luta política suas reivindicações não tinham condições de se concretizar. É Walter ainda que conta: "No dia 6 de dezembro fizemos um encontro. E descobrimos que o anseio dos mo-

Até recentemente as sociedades e associações de moradores eram repletas de políticos inescrupulosos a serviço do governo. Fazendo demagogia com as reivindicações justas da periferia eles manipulavam estas entidades para angariar votos.

Walter Feldman, presidente do Conselho da Sociedade Amigos de Bairro de São Miguel, Itaim Paulista e Ermelindo Matarazzo, que reúne 40 entidades, abrangendo cerca de 800 mil pessoas, afirmou a respeito: "Há uns 6 meses o Conselho servia para apoiar os candidatos do go-



800 pessoas estiveram no Congresso da Interbairros de Fortaleza

Periferia de Fortaleza constrói sua Federação

Começou a ser criada a Federação de Bairros e Favelas de Fortaleza. Nos dias 28 e 29 de novembro, mais de 800 populares representando 29 entidades de bairro e favela já legalizadas e outras 16 em formação, reuniram-se para isto no I Congresso de Bairros e Favelas de Fortaleza. Na abertura, falaram vários convidados, representando a Comissão Executiva da Pró-CUT, o Movimento Contra a Carestia, sindicatos e partidos de oposição. Os pronunciamentos, contundentes no combate ao regime militar, destacaram também a necessidade da união do povo brasileiro por uma sociedade nova.

Em seguida, os congressistas dividiram-se em grupos para aprofundar a discussão dos problemas, desde a luta contra a remoção das favelas e por saneamento básico até a necessidade de uma Constituinte livre e soberana.

Ao final, resolveu-se criar a Federação. O próprio Congresso elegeu uma Comissão Pró-Federação, composta pelos 29 presidentes das entidades de bairro presentes. Eles deverão encaminhar o plano de lutas aprovado, convocar o II Congresso e elaborar uma proposta de estatutos.

(da sucursal)

Repressão sequestra à luz do dia dois lutadores do povo

Seqüestros, espancamentos, atropelamentos são os métodos que os órgãos de repressão vêm usando para aterrorizar membros de movimentos populares. No dia 27 de novembro, o operário têxtil Elgito Alves Boaventura foi retirado pela PM de dentro do ônibus que viajava, na zona leste de São Paulo e o levaram para o DOPS. Elgito está desempregado e participou da ocupação de terrenos no Jardim Robru. Ficou preso durante três dias nos porões do DOPS, onde foi interrogado pelo delegado Magnóti. Ao sair, falaram da participação de Elgito na Conclat, mas não explicaram o motivo da sua prisão.



Elgito ficou três dias preso no DOPS

indivíduos o agarraram e colocaram dentro de uma viatura, que mais tarde foi identificada como sendo da polícia civil. Libertado horas mais tarde, Clóvis, que é integrante do Movimento Contra a Carestia, denunciou que foi espancado na Delegacia de Polícia do Beiru.

Em Salvador, o fotógrafo Clóvis Assis estava participando de uma concentração de "invasores", que exigiam a legalização de seus terrenos, na porta da prefeitura, no dia 3. Quatro

Ambulantes da rodoviária sob o terror da Polícia Militar

Por volta das 11 horas do dia 4 de dezembro, na rodoviária de São Paulo, duas viaturas do Tático Móvel da PM prenderam todos os vendedores ambulantes que não trabalhavam para o dono do Bar, Café e Restaurante Esposito & Filho Ltda. Maria Aparecida da Silva, grávida, foi levada à Delegacia de Polícia de Bom Retiro com seus dois filhos, de cinco e dois anos. Sibinho, outro vendedor preso, tuberculoso, além de apanhar, não teve alimentação e nem assistência médica durante os dias que ficou detido. Outra vendedora declarou que suas crianças também apanharam do delegado e de um sargento. Toda esta violência foi motivada porque o dono do restaurante, sr.



Ambulantes na rodoviária são perseguidos

Oswaldo, quer que os ambulantes vendem água e biscoito na rodoviária trabalhem para ele, cobrando um preço maior e ganhando menos. Como vários destes ambulantes recusassem tal proposta, ele "contratou" a PM para "convencê-los".

União das Mulheres já é realidade em S. Paulo

"É a primeira vez que participo de um movimento de mulheres. Sempre pensei que feminismo significasse queima de soutiens e briga das mulheres contra os homens, como a gente lê nos jornais. Mas vi que essa realidade está preocupada em lutar para que a mulher tenha seu papel na sociedade". A declaração de Mônica Nogueira, secretária da União Nacional dos Servidores Públicos, resumiu bem o objetivo da União das Mulheres do Município de São Paulo, fundada no dia 6 de janeiro.



Parte da diretoria eleita para a União das Mulheres de S. Paulo

Ao contrário de Vera Lúcia Soares, do núcleo de mulheres do PT que declarou na Folha de São Paulo que o movimento feminista deve ser apolítico, a União parte do princípio de que, para resolver a discriminação que sofrem na sociedade, as mulheres precisavam participar ativamente da luta por um mundo novo, onde elas, assim como todos os oprimidos, possam ter voz e vez. Como afirma sua presidente, Maria Amélia Teles,

"as mulheres não conseguirão sua emancipação efetiva sem participar da luta política.

Não há seres livres numa sociedade escravizada. Isso não quer dizer que não temos também problemas diferentes dos dos homens. Temos que começar a lutar desde já pela igualdade de direitos. E muita coisa pode ser conquistada agora. Mas temos claro que as mu-

lheres só serão realmente livres, só deixarão de ser cidadãs de segunda classe, quando for derrubado este regime de opressão e exploração".

A União das Mulheres pretende organizar as trabalhadoras, as donas de casa, as mulheres do povo, em torno de um programa que defende desde seus direitos específicos, até a luta pela libertação do povo. (Olívia Rangel)

Taxas nas escolas públicas abrem portas ao ensino pago

Severina Augusta dos Santos não pôde matricular seu filho na Escola Estadual Marina Cintra porque não tinha dinheiro para pagar a taxa da APM (Associação de Pais e Mestres). Na escola Ênio Voss, os pais de alunos denunciaram que estavam sendo obrigados a pagar uma taxa de Cr\$ 2.400,00 para matricular cada filho. Estes são apenas dois exemplos das inúmeras denúncias que vêm sendo feitas na cidade de São Paulo contra o pagamento de

taxas nas escolas públicas secundárias.

A Constituição de 1969 estabelece que "o ensino primário é obrigatório para todos, dos 7 aos 14 anos, e gratuito nos estabelecimentos oficiais. Para a educadora Maria Nilde Mascellani estas taxas são "uma afronta ao direito constitucional. As APMs vão surgindo na rede de ensino público como pequenas entidades mantenedoras da escola, cobrando des-

pesas de limpeza, de secretaria, pagamento de pessoal, que competiriam ao Estado".

PARTICIPAÇÃO DOS PAIS

Ao mesmo tempo em que o ensino oficial vem caindo de qualidade, o Estado vem deixando de assumir seus compromissos. Luis Ferreira Martins, secretário da Educação de São Paulo declarou à imprensa que o pagamento destas taxas "teria um caráter educativo, já que tudo que é dado de graça não é valorizado". Já a educadora Maria Nilde diz "que o Estado tem conseguido passar ideologicamente a superioridade do ensino pago sobre o ensino público e gratuito".

As taxas de APMs foram criadas sob a bandeira de integração pais de alunos/comunidade, através de festas, quermesses, bingos, etc. No entanto os pais participam apenas em cima de questões materiais Maria Nilde Mascellani conclui: "os pais nunca são chamados para discutir a proposta educacional".



Maria Nilde Mascellani é contra a implantação do ensino pago

Nestas festas dê um presente útil o ano todo!

Calendário da Tribuna Operária

Doze páginas a cores, amplamente ilustrado, com as principais datas históricas.

À venda nas sucursais da Tribuna Operária.

Desejo receber em casa os 25 próximos números da Tribuna Operária. Para isto envio anexo um cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., correspondente a uma

Assinatura de apoio (Cr\$ 1.500,00)

Assinatura standart (Cr\$ 750,00)

Assinatura parcelada (2 x Cr\$ 375,00)

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Estado: _____

CEP: _____ Fone: _____ Data: _____

Profissão: _____

Tribuna Operária

Jornalista responsável: Pedro Oliveira

Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olívia Rangel, Dilair Aguiar.

Redação: Rua Conselheiro Ramalho, 501 - Bela Vista - São Paulo, Capital, Tel.: 36-7531 CEP 01325.

Sucursais: Amazonas: Rua Simon Bolívar, 231-A Pça. da Saúde - Caixa Postal 1439 Manaus - CEP 69000. Pará: Rua Aristides Lobo, 620 - Centro - Belém - CEP 66000. Maranhão: Rua Osvaldo Cruz, 340 - sala 404 - São Luiz - CEP 65000. Piauí: Rua David Caldas, 374 - sala 306 - Sul - Teresina - CEP 64000. Ceará: Rua do Rosário, 313 - sala 206 - Fortaleza - CEP 70000. Paraíba: Av. D. Pedro I, 1.012 - João Pessoa - CEP 58000. Pernambuco: Rua 7 de Setembro, 42 - 7º andar - sala 707. Boa Vista - Recife - CEP 50000.

Bahia: Rua Senador Costa Pinto 845 - Centro - Salvador - CEP 40000. Av. Getúlio Vargas, 260 - sala 106 - Freg. do Sertão - CEP 44100. Minas Gerais: Rua da Bahia, 573 sala 504 - Centro - Belo Horizonte - Tel.: 224-7605 - CEP 30000. Rua do Contorno Rodoviário, 345/355 - Contagem - CEP 32000. Goiás: Av. Goiás, 606 - edifício Minasbank - sala 2005 - Centro - Tel.: 225-0882 - Goiânia - CEP 74000. Distrito Federal: Ed. Goiás - sala 322 - Setor Ce-

mercial Sul - Brasília - CEP 70317. Espírito Santo: Av. Getúlio Vargas, 247 - sala 705 - Vitória - CEP 29000. Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 - sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021. Av. Amarel Peixoto, 370 - sala 807 - Centro - Niterói - CEP 24000. São Paulo: Rua Marechal Deodoro, 943 - Centro - Campinas - CEP 13400. Praça Ennes de Silveira Melo, 1378 - Piracicaba - CEP 13400. Paraná: Rua Barão do Rio Branco, 41 - sala 809-A Curitiba - CEP 80000. Rua Sergipe, 891, salas 7 e 8 - Londrina - CEP 86100. Rio Grande do Sul: Rua General Câmara, 52 sala 29 - Centro - Porto Alegre - CEP 91000. Rua Di. Montanari, 633 - Itajaí - sala 15 - Caxias do Sul - CEP 95100. Sergipe: Rua João Pessoa, 299, sala 28 - Aracaju - CEP: 49000.

A Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Impressa na Cia. Editora Jorjans, Rua Gaspar da Cunha, 49 - Fone: 531-8900 - São Paulo.



Arthur de Paula fala na inauguração

A Tribuna inaugura sucursal operária no polo de Camaçari

Com a presença de quase cem operários petroquímicos, da construção, têxteis, de populares e personalidades da oposição baiana, foi inaugurada a Sucursal da Tribuna Operária em Camaçari, principal centro proletário da Bahia. O operário Ivo Borges, diretor da nova sucursal, comentou na ocasião: "A primeira vez que vi a Tribuna me interessei logo, porque vi que era um jornal que trazia em si o espírito e a luta da classe operária". Já Arthur de Paula, da Sucursal de Salvador, sublinhou: "Esta é uma casa operária, onde os trabalhadores e o povo podem se reunir à vontade, para discutir não só o conteúdo do jornal como sua luta". (da sucursal)

Mil mulheres paraenses botam fogo no pacote de Figueiredo

Mil mulheres participaram dia 13 em Belém do Primeiro Encontro da Mulher Paraense. A reunião contou com a presença de lideranças oposicionistas destacadas; como o candidato ao governo do Pará Jader Barbalho e a deputada Lúcia Viveiros. As discussões tiveram um caráter antimperialista acentuado, centrando fogo na denúncia do famigerado Projeto Carajás de entrega da Amazônia. E terminou com um ato público em praça pública, em que o "pacote eleitoral" do general Figueiredo foi queimado simbolicamente. Como saldo do Encontro, foi eleita uma Comissão Pró-Federação da Mulher Paraense. (da sucursal)

Nova diretoria da UNE toma posse com chamamento à luta

"A União Nacional dos Estudantes sela aqui seu compromisso de mobilizar os estudantes para derrotar o pacote eleitoral do governo, realizando manifestações de rua e preparando caravanas para ir a Brasília no dia da votação para pressionar os parlamentares". Com estas palavras o estudante baiano Francisco Javier assumiu no dia 7 de dezembro a diretoria da UNE, em solenidade realizada no auditório da PUC de São Paulo. Aldo Rebelo, o presidente da gestão anterior, ressaltou na ocasião que "até o Ministério da Educação teve que dizer que atenderá a nova diretoria da UNE, porque, apesar do seu ódio mortal aos estudantes, a UNE é hoje uma entidade consolidada". O ato foi prestigiado por representantes do PMDB, PT, PDT e PP e por diversas entidades, além dos ex-presidentes da UNE Luis Travassos e Aldo Arantes.

Passateia de 19 mil contra o "massacre da festa do céu"

No dia 7 de dezembro uma passeata de mais de 2 mil pessoas tomou a Praça José de Alencar, em Fortaleza. Era o protesto dos democratas cearenses contra o "massacre do carnaval no céu" — mais um episódio de selvageria provocado pela Polícia Militar, dois dias antes. A agressão policial dirigira-se contra uma festa estudantil, o "Carnaval no Céu", promovido na Casa do Estudante Universitário, deixando um saldo de 30 jovens presos. Mas a reação da opinião pública veio pronta e vigorosa. O próprio diretor da Universidade Federal, Paulo Elpidio, declarou que tratou-se de um "vandalismo selvagem". E até na distante cidade interiorana de Limoeiro do Norte o povo começou a correr um abaixo-assinado de repúdio à violência. Compreendendo que as violências locais são filhas da violência maior que vem de Brasília, os protestos dirigiram-se também, com ênfase, contra o "pacote eleitoral". (da sucursal)

AGENDA DA MULHER 82

Agenda da Mulher 1982.

Os temas atuais que mais preocupam as mulheres: política, planejamento familiar, creches, aborto, etc.

Dados biográficos de mulheres célebres.

Preço: 300 cruzeiros

Fundação Maurício Grabois

Delfim diz que vamos dever US\$ 118 bilhões e acha bom

Nossa dívida externa será de 118 bilhões de dólares em 1990. Foi o que disse Delfim Netto aos banqueiros alemães em 9 de dezembro. Disse também que não faz mal, porque naquele ano teremos um saldo de 19 bilhões com as exportações e poderemos assim pagar as prestações da dívida.

Esta política vem de longe. No fim do ano passado, Delfim fez várias viagens internacionais pedindo socorro aos banqueiros. O Brasil não tinha dinheiro para fechar suas contas internacionais. Estávamos a beira da falência. Os banqueiros se aproveitaram disso — ameaçaram fechar as torneiras do crédito — e exigiram drásticas mudanças na política econômica.

Atolado até as orelhas e comprometido com os banqueiros, o governo Figueiredo aceitou a chantagem e já no fim do ano aplicou uma política ainda mais dura e cruel para o nosso povo.

ABAIXO DE ZERO

As medidas foram fulminantes: liberação da taxa de juros, corte nas importações, liberação dos preços, corte no orçamento das estatais, estímulos fiscais ainda maiores para as exportações, sinal verde para a mais desenfreada especulação com títulos do governo.

Agora no fim de 1981 sentimos duramente os resultados dessa política. Pela primeira vez, a economia brasileira diminuiu em vez de crescer. A produção industrial teve uma queda de 10% e o comércio

também. A produção de aço caiu 16%. O consumo de cimento caiu mais de 15% e o de energia elétrica industrial só em São Paulo caiu 6% até outubro.

As pesquisas realizadas pela Fundação Getúlio Vargas na indústria brasileira em outubro revelam um quadro terrível: mais de um quarto da capacidade industrial instalada não está sendo utilizado. Isso chama a atenção para um lado social da crise: o desemprego. Milhares de máquinas paradas e sem uso, e milhões de trabalhadores sem emprego.

Em 1981 o desemprego foi a grande arma dos patrões. Além de não criar novos empregos para os 1,2 milhões de jovens que chegam ao mercado de trabalho, a crise despejou três milhões de trabalhadores nas ruas. Foi despedindo em massa e abaixando o salário dos que ficavam que os industriais tentaram se safar da crise.

EXPORTAR NÃO RESOLVE

O Delfim Netto — que está de novo viajando pelo mundo para tranquilizar nossos credores — declarou que a política do governo foi vitoriosa.

Ele está muito contente porque o país este ano irá importar 22 bilhões de dólares e exportar 23 bilhões, o que dá um saldo de 1 bilhão.

Na verdade, em 1981 não foram as exportações que tiveram um grande aumento; foram as importações que caíram, mais de 5%. O governo, para conseguir mais esse milagre, brecau as importações e estimulou violentamente as exportações. E nosso capitalismo é tão dependente de máquinas e bens industriais estrangeiros que breca a importação é breca a economia.

JUROS DE 9 BILHÕES

O grande problema do Brasil, depois de 18 anos de entreguismo, não está na compra e venda de mercadorias no mercado exterior. O problema é pagar os juros e as prestações da dívida externa.

Tudo o que o sacrifício realizado para conseguir um saldo positivo de 1 bilhão de dólares com as vendas externas vai por água abaixo quando comparamos com as prestações da dívida externa, que já passam de 7 bilhões.

Outra sangria que pesa muito nas contas internacionais é o pagamento dos juros. A dívida, que já passa de 60 bilhões, vai exigir, de juros, este ano, 9 bilhões de dólares. Uma quantia nove vezes maior que o saldo positivo das exportações. Tudo somado, significa que para pagar juros e prestações só este ano o Brasil teve que arrumar mais de 16 bilhões de dólares.

Os banqueiros internacionais sabem que esse círculo vicioso não pode durar muito. O plano deles, apoiado pelo regime militar, é que o Brasil consiga grandes saldos nas vendas de mercadorias e diminua sua necessidade de empréstimos.

A solução dos monopólios é transformar o Brasil num grande exportador de produtos básicos e levemente industrializados, ou até mesmo industrializados mas de baixa tecnologia. É uma triste volta aos tempos em que o Brasil era um simples exportador de café, de açúcar ou de pau-brasil.



Senador Teotônio Vilela denuncia o "pacote" na convenção nacional do PMDB

Ampla mobilização contra o "pacote"

O senador Teotônio Vilela foi nomeado para presidir uma comissão de mobilização nacional do PMDB contra o pacote eleitoral e por eleições limpas em 1982. Isto traz a expectativa de que efetivamente vai haver uma protesto de peso contra os casuismos. Já na época em que tomou nas mãos a luta pela Anistia, o senador sacudi o país. Empenhou-se na mobilização de amplos setores, visitou os presídios e fez questão de conversar com todos os presos políticos. Devido a sua combatividade, Teotônio Vilela foi arbitrariamente vetado pelo PDS para presidir a comissão mista do Congresso Nacional para examinar o "pacote". Falando à *Tribuna Operária*, ele mostra a situação atual desta batalha contra o casuismo.

Qual o resultado, até agora conseguido pela Comissão de Mobilização?

Estamos encontrando uma boa correspondência popular. Existe uma ampla compreensão de iniquidade do pacote. Já temos uma boa programação de mobilizações: em Salvador dia 16, no Rio dia 17, em São Paulo dia 18, dia 19 em Curitiba, 21 ou 22 em Porto Alegre e 23 em Fortaleza. Temos condições de um bom comprometimento em Brasília no dia da votação. Vamos mobilizar muita gente para este dia.

No Congresso também vamos trabalhar. Vamos utilizar todas as armas que nos são permitidas. Vamos par-

ticipar da comissão e não vamos permitir que passem por cima do regime interno e da Constituição. Vamos esgotar todas as possibilidades legais. Estamos conversando também com parlamentares do PDS que podem nos ajudar a derrotar o pacote.

E quais são as possibilidades neste terreno?

O PDS está numa situação esquisita. Tem medo do governo e tem medo da opinião pública. Está à merce das pressões. Daí a grande importância da presença maciça na época da votação e nas manifestações de agora.

E sobre a ameaça de "eu recrudescer" do general Figueiredo?

Isto é uma variante do "eu expludo" que ele ameaçou antes. Ele gosta de violentar também os verbos. Agora — é um ato de coerência com o que ele é. Ele é o homem da ordem unida, o homem da caserna. Só se enganou com ele quem quis.

O processo de abertura não é o que se vem propalando. De maneira alguma. Somente os que superestimam este processo é que estão surpresos com o rumo dos acontecimentos. Só estes é que pensam que houve uma mudança muito profunda.

O pacote é como uma bomba de dinamite colocada no alicerce de uma casa. Está provocando uma inquietação enorme em todo o país. O povo deve se manifestar de todas as formas possíveis para lutar contra este casuismo, que é filho dileto dos atos institucionais.

Partidos se unem contra os casuismos

O general Figueiredo ameaça: "Eu recrudescer!" Mas as forças democráticas não estão dispostas a ceder às intimidações. As forças populares participam do processo de incorporação dos partidos para garantir o seu caráter de frente única e para defender uma política combativa, por eleições livres, contra o "pacote".

"Se acontecer mesmo esta história de incorporação, o governo apela para a ignorância e impede" — declarou o coronel e senador Jarbas Passarinho ao saber da incorporação do PP ao PMDB. O brigadeiro Dêlio Jardim partiu para a ameaça: "Não acuem o governo. Tenho medo que o país seja levado à anarquia". E o próprio general Figueiredo, que já demonstrou que tem facilidades para o arbítrio e para os "pacotes", mas tem dificuldades com a gramática, disse furioso: "Eu recrudescer!".

Tudo isto mostra que a incorporação apavora os generais. Eles perceberam que as oposições unidas em uma legenda única podem superar os casuismos e derrotar o PDS.

A violência dos generais com o pacote eleitoral foi a gota d'água que despertou as oposições para uma nova tática. Até agora se apresentavam separadas em vários partidos. Na situação atual, partiram para reagrupar as forças num único partido — e o caminho considerado juridicamente viável foi o da incorporação. Paralelamente, junto com todos os democratas, tratam de organizar manifestações de massa contra o pacote e de mobilizar forças no parlamento para derrotá-lo.

RESISTÊNCIA ÀS AMEAÇAS

Ao lado deste aspecto de resistência ao arbítrio, não se pode descartar que correntes mais conservadoras, procurem puxar a união das oposições para atitudes conciliadoras. Olavo Setúbal, do PP, por exemplo, já se mostrou descontente com a incorporação e disse que preferia tentar emendas para "melhorar" o projeto do governo, mas esta política tem fôlego curto. Não atende às exigências do momento político e aos anseios da imensa maioria dos brasileiros. Com muita razão, Odacir Klein, do PMDB, indicou que "se mostrarmos falta de firmeza, os fabricantes da crise nos farão recuar pela intimidação".

Este processo não ficará restrito ao PP e ao PMDB. Apesar dos sectarismos de sempre, os verdadeiros democratas, em todos os partidos de oposição, sentem a necessidade de união para conquistar eleições limpas e o próprio direito de organizar livremente os partidos políticos. A participação dos setores mais ligados aos interesses operários e populares na organização dos novos diretórios e lançamentos dos candidatos é indispensável para assegurar o caráter frentista desta união e impedir o avanço dos conciliadores.



BOTA A TURMA PRA TRABALHAR QUE ELES PAGAM FÁCIL!

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

O Partido Comunista, necessidade histórica

Trechos do artigo *O Partido — Necessidade Histórica*, de Pedro Pomar, publicado pela primeira vez clandestinamente, em julho de 1972, no jornal *A Classe Operária*:

A certas pessoas parece inusitado, ou artificial, ou mesmo obra de forças estranhas, o fato de um partido político que jamais ocultou seus objetivos revolucionários, sua natureza de classe, sua teoria marxista-leninista e sua fidelidade ao internacionalismo proletário, tenha não apenas sobrevivido durante meio século, como também se tornado um partido nacional, de massas, o mais autêntico dos que já existiram em nosso país. Esta, porém, é uma realidade viva.

LÓGICA FÉRREA

Cinquenta anos são, sem dúvida, mais que suficientes para avaliar a significação de uma corrente política e o destino que lhe está reservado. A prática do PC do Brasil não podia deixar de oferecer lições riquíssimas, que permitem julgar se sua existência foi ou não necessidade imperativa das condições concretas brasileiras e do movimento operário. É claro que tal julgamento não deve provir da própria vontade do Partido, nem exprimir qualquer espírito de vanglória. Um partido político só se revela historicamente necessário, quando está fadado, pelas condições objetivas, por interesses reais, por seu programa, sua conduta e sua direção, a tomar o Poder e a edificar um novo regime político e social. No momento em que se escrever a história completa do PC do Brasil, melhor se comprovará que sua existência obedeceu à lógica férrea da evolução social brasileira, se tornou parte integrante, inseparável da história do proletariado e do povo brasileiro.

Nesses cinquenta anos, o PC do Brasil, além de expressar politicamente a presença da classe operária na vida do país, foi o principal artífice de importantes acontecimentos. Apesar dos revezes e dos erros, foi e continua a ser a constante na sua atividade a

luta para concretizar a revolução agrária e antiimperialista, democrática e nacional, a única capaz de livrar o país de dependência ao imperialismo, assegurar liberdade para as grandes massas exploradas e oprimidas e abrir a via para a construção da sociedade socialista no Brasil.

A ÉPOCA DO PROLETARIADO

Em torno dessa questão e do caminho para resolvê-la é que se dividiu o velho partido, que se deu a ruptura com os revisionistas de Prestes e se trava, hoje, a luta contra todas as formas de oportunismo, tanto fora como dentro do Partido. Ao expurgar os revisionistas, em 1962, e renovar-se, pôde o PC do Brasil erguer com mais clareza e mais decisão a bandeira da revolução libertadora.

A necessidade de um partido marxista-leninista se impõe ainda mais em nossa época porque a vida provou que só ele pode levar a causa do povo ao triunfo. Tanto a burguesia nacional como a pequena burguesia fracassaram em conduzir a bom termo o processo revolucionário. Vacilantes e inconseqüentes, elas não foram capazes sequer de criar organizações políticas algo estáveis e fortes.

Ao passo que o proletariado compreende cada vez mais que se tornar invencível na medida em que souber vincular sua ideologia revolucionária com os laços materiais da organização. Lênin ensinou que na luta pelo poder o proletariado só tem uma arma: a organização, isto é, o Partido. Lênin o grande mestre revolucionário mostrou que só os que necessitam do socialismo e se dedicam de corpo e alma à sua vitória possuem espírito de partido, lutam para fortalecer o Partido.

O Partido Comunista do Brasil tem um destino glorioso. Pertencer a suas fileiras é motivo de honra e legítimo orgulho revolucionário. Defendê-lo e fortalecê-lo é o mais elementar dos deveres de todos os comunistas.

A Chacina da Lapa 5 anos depois



Na casa, junto aos cadáveres, as armas colocadas pelo DOI

Na madrugada de 16 de dezembro, há 5 anos, os moradores da rua Pio XI, em São Paulo, foram acordados por rajadas de metralhadoras. Agentes do DOI atacavam uma modesta casa térrea, de onde não saiu um só tiro. Dois dirigentes do PC do Brasil, Pedro Pomar e Ângelo Arroyo, morreram na fuzilaria. João Batista Drumond sucumbiria horas depois, na tortura. Era a "Chacina da Lapa".

O DOI colocou armas junto aos cadáveres, para simular um combate. Outros dirigentes comunistas tinham sido presos antes, ao saírem da casa, onde realizara-se uma reunião do Comitê Central do PC do B. Foram brutalmente torturados. Três deles, Haroldo Lima, Aldo Arantes e Elza Monnerat, só deixaram o cárcere com a anistia.

Os fascistas exultaram, anunciando, mais uma vez, a destruição do Partido Comunista. Segundo o general Dilermando Monteiro, comandante do II Exército na época, o único senão era que João Amazonas não se achava no local.

Como tantos outros, este crime de morte perpetrado pelos DOI-CODIs na fase do fascismo aberto continua impune. Os assassinos e torturadores nunca foram inculcados. O advogado dos sobreviventes da chacina, Luis Eduardo Greenhalg, anunciou que dará entrada numa ação penal em nome da viúva de Drumond, responsabilizando a União pela morte de seu marido, "atropelado quando de sua fuga", segundo a versão oficial do Exército.

MAIS DE 80 MORTOS

No entanto, a destruição do Partido Comunista do Brasil, desejada pela repressão, não ocorreu. Durante anos, os comunistas foram caçados por todo o país, vivos ou mortos. Onze dirigentes e um total de mais de 80 militantes do partido perderam a vida. Ninguém pagou um tributo à memória dos mortos. A repressão mais selvagem será impotente para destruí-lo.

Pedro, Ângelo e João

PEDRO POMAR, paraense de Óbidos, de família pobre, morreu com 63 anos de idade e 43 de partido. Encarcerado em 1941, realizou audaciosa fuga, junto com João Amazonas. Foi um dos organizadores da famosa Conferência da Mantiqueira, passando a compor, desde então, o Comitê Central do partido. Candidato comunista a deputado federal por São Paulo, foi eleito com mais de cem mil votos. Foi dos primeiros a erguer-se contra o oportunismo kruschovista e a lutar pela reorganização do PC do B em bases revolucionárias, em 1962.

ÂNGELO ARROYO, metalúrgico paulista, filho de imigrantes espanhóis, tinha 48



Pedro Pomar

anos de idade. Aos 16 ingressou no partido e aos 25 era eleito para o Comitê Central, sobretudo devido à sua atuação à frente da greve geral de 1953. Também tomou parte ativa na reorganização do PC do B e na direção política e militar da



Ângelo Arroyo

Guerrilha do Araguaia. JOÃO BATISTA DRUMOND, 32 anos, era o mais jovem dos três. Líder estudantil em Minas, mais tarde passou a clandestinidade, trabalhando longamente entre os camponeses do Nordeste. Foi um dos primeiros quadros da Ação Popular a incorporar-se ao Partido Comunista do Brasil, em 1971.



Pedro de Oliveira fala ao plenário da reunião intersindical

Movimento sindical paulista se unifica

No último dia 12 houve um redespertar do movimento sindical de São Paulo. Representantes de 59 entidades sindicais da capital e do interior se reuniram no Sindicato dos Químicos para discutir a unificação da luta dos trabalhadores. Foi a maior reunião intersindical desde a **Conclat** (Conferência Nacional das Classes Trabalhadoras), em agosto.

O saldo da reunião foi a formação da **Comissão Sindical Única**, que congrega todos os Sindicatos do Estado de São Paulo. Foi eleita uma diretoria provisória, com 44 entidades, que terá basicamente três objetivos: preparar um Encontro Estadual dos Trabalhadores Paulistas (**Enclat**), entre março e abril, com a participação de dirigentes sindicais e delegados eleitos na base, que elegerão uma comissão intersindical definitiva para o Estado; encaminhar as resoluções da **Conclat**; e unir os trabalhadores na luta contra o desemprego e a carestia, contra o pacote eleitoral e outras.

"O que nos alegra na formação da CSU é que ela unifica o movimento sindical paulista, ela é bem mais ampla e representativa. Significa um novo impulso na luta dos trabalhadores", explica Jamil Murad, diretor do Sindicato dos Médicos.

DAR REPOSTAS

Desde há muito que o movimento sindical estava sem uma articulação intersindical única. Devido a desunção, foi fraca a resposta dos trabalhadores à condenação dos onze sindicalistas do ABC pela famigerada Lei de Segurança Nacional. O movi-



Jamil, do Sindicato dos Médicos

Sete ativistas das minas catarinenses são demitidos

As empresas carboníferas Catarinense e Criciúma estão preocupadas com o rumo das eleições no Sindicato dos Mineiros de Rio Maina, nos dias 5 e 6 de março. Demitiram sete membros da chapa de oposição. Para as empresas é fundamental que permaneça na direção da entidade o pelego Dalci Schaukoski, conhecido pelos favores prestados aos patrões.

Como explica João Alves, candidato opositorista à presidência do Sindicato, "a demissão dos sete companheiros é ilegal, levando-se em conta que com o registro da nossa chapa eles adquiriram estabilidade provisória nos empregos". Com isso, o tiro saiu pela culatra, para os patrões das carboníferas. Eles só fizeram enfraquecer os pelegos.

ROUBO EM 78

No dia 2 de dezembro, quase todos os sindicatos de trabalhadores da Bacia Carbonífera emitiram uma nota de solidariedade à chapa de oposição. Na nota, sete Sindicatos "manifestam o seu protesto contra as medidas antidemocráticas e arbitrárias, e convocam os companheiros a permanecerem unidos na luta pela livre organização dos trabalhadores".

As demissões serviram para mostrar aos mineiros quem representa o patronal Schaukoski. Sua história de traições é bastante conhecida. Um vet-

mento sindical ficou à parte das manifestações de protesto contra os aumentos dos ônibus. E agora os Sindicatos podem dirigir manifestações unitárias e massivas contra o pacote e por eleições limpas em 82.

Jamil Murad é enfático ao afirmar: "O governo está radicalizando em cima do povo e os patrões continuam demitindo milhares de assalariados. Precisamos ter hoje uma direção unificada para levar adiante a luta dos trabalhadores, não podemos continuar sem pai e sem mãe".

SERVE DE EXEMPLO

Até hoje, coexistiam duas articulações intersindicalistas: a Unidade Sindical e outra dirigida pelos sindicalistas do PT. E a **Conclat** não definiu como encaminhar a unificação a nível estadual, o que gerou uma polarização ainda maior destas duas correntes.

Para sanar este problema é que vários sindicalistas propuseram a unificação do movimento sindical, com a criação de uma articulação intersindical mais avançada. Como bem frisou Pedro de Oliveira, do Sindicato dos Jornalistas, "a Unidade Sindical cumpriu importante papel nos anos de sua existência, organizando a **Conclat** e outras manifestações dos trabalhadores. Mas o que se nota é que o movimento sindical continuava dividido. E a divisão em nossas lutas comuns é injustificável".

Jamil Murad lembra que para a CSU obter êxito como articulação intersindical dos trabalhadores precisa se deslocar para a base, não cometer o mesmo pecado das anteriores que se restringiram a acordos de cúpula. "A preparação de um Enclat representativa é ponto de honra para a CSU".

A saída encontrada por São Paulo para resolver o problema da falta de direção unificada no movimento sindical pode servir de exemplo para vários outros Estados que atravessam o mesmo problema.

rano sindicalista, Domingos Alamini, 41 anos de idade, mineiro aposentado pela Carbonífera Catarinense, é um dos que bem conhece a história de sujeiras da atual diretoria. "O Schaukoski só quer saber de botar suas mãos de gato sobre o nosso Sindicato. Nas eleições de 1978 ele já aprontou muitas contra a chapa dois, de oposição. No primeiro dia de votação vieram uns policiais armados de fuzis e, desrespeitando a lei, carregaram a força as urnas até a praia do Arroio Silva. No outro dia, durante a votação, o pelego gritava: "Olha a zebra, vai dar zebra". E não deu outra. Eles tinham aberto as urnas e roubado os votos da chapa 2".

GOVERNO INTERVÉM

"Mesmo com todas as roubaheiras o Schaukoski não ganhou. Percebendo que estavam encurralados, os patrões não tiveram dúvida: apelaram para o corrupto delegado do Trabalho, doutor Aírton Minógia do Nascimento, que suspendeu a eleição e cassou a nossa chapa".

"Daí vocês podem ter uma idéia de como funcionou o nosso Sindicato nos anos de gestão do Schaukoski. Foi só dedurismo, assistencialismo e desmobilização nos períodos de campanha salarial. Por isso é que agora, com a demissão dos sete, ele não falou nada. Ou melhor, chegou a dizer que chamaria o Dops para nos intimidar".

(da sucursal)

Máfia de advogados rouba os peões de obra do Rio

Além dos patrões, uma verdadeira máfia de advogados desonestos explora os 130 mil operários da construção civil do Rio de Janeiro. A **Tribuna** investigou os meandros dessa trama e mostra como o trabalhador que entra com algum processo na Justiça Trabalhista muitas vezes recebe menos de um décimo do que devia receber.

Irregularidade é o que não falta na construção civil. Além das formas legalizadas de exploração, os peões de obra chegam a trabalhar 24 horas seguidas, duas vezes por semana. São logrados no pagamento das horas-extras, domingos e feriados. Muitos recorrem à Justiça do Trabalho, e via de regra, ganham a causa. Mas pouco conseguem receber, quando caem nas garras de um componente da máfia que infiltrou-se na área trabalhista.

O CASO DE JOSÉ REIS

José Reis, carpinteiro, 21 anos, trabalhou em 1977 na Ecisa e foi roubado pela empresa, que não lhe pagou o devido. Deu queixa na Justiça, através dos advogados Nelson de Lima e Antonio Lorenzoni, com escritório na Rua México. O juiz reconheceu seu direito à diferença de

horas-extras, 13.º salário, FGTS e férias proporcionais, no total 32 mil cruzeiros. Isto em fins de 1979.

Mas a máfia, havia atuado no caso. Desde um ano antes Lorenzoni havia "comprado" o processo de Zé Reis, por 2 mil e 500 cruzeiros! Por sorte o operário descobriu a verdade através de amigos. Foi reclamar. Mas o advogado chegou até a colocar um revólver em cima da mesa, e, depois de muita discussão, deu-lhe apenas 10 mil a mais.

Zé Reis conta muitos casos de outros trabalhadores roubados por diversos advogados da máfia. A questão nem sempre é pequena. Oceano Bezerra, que abriu processo contra a Ecisa em 1978, deveria ter recebido 571 mil cruzeiros. Wilson Alves Bezerra, recebeu 20 mil cruzeiros, quando devia ter levado 219

mil, mesmo descontando os 30% de honorários do advogado. Arnaldo, cunhado de Oceano, foi logrado numa questão de um milhão de cruzeiros!

O ADVOGADO SUMIU

Homero dos Santos, 53 anos, sete filhos, teve sorte ainda pior. Trabalhou dez anos na Sinco, foi despedido em 1969, e até hoje não viu um tostão do que lhe deviam, apesar do juiz ter expedido três alvarás de pagamento, no valor total de mais de oito salários mínimos.

O advogado implicado, dr. Carlos Daniel de Moura, simplesmente desapareceu com o dinheiro.

O esquema da máfia baseia-se principalmente em ficar com os juros e a correção monetária devidos aos operários, e que chegam a valer três vezes ou mais o valor do principal. Com esse dinheiro surrupiado dos trabalhadores, alguns traficantes da advocacia já compraram até iates, casas na Barra da Tijuca, carros último tipo.

(da sucursal)

Agressão policial no fim da greve dos 46 mil em Vitória

A greve dos 46 mil operários da construção civil de Vitória do Espírito Santo terminou dia 2, num clima tenso. À noite, no alojamento da construtora Andrade Valadares, cerca de 2 mil trabalhadores foram agredidos pela polícia, inclusive a tiros. Oito foram presos e um deles, Almir Rosário, teve sua boca dilacerada. O episódio trouxe à luz também as condições de vida e trabalho dos operários: alimentação péssima, servida nos próprios capacetes, água poluída e um acampamento que o deputado opositorista Dilton Lyrio comparou "aos campos de concentração nazistas".

O acordo que pôs fim à greve prevê a retomada das negociações por dez dias, em



Assembléia do dia 2: operários retornam ao trabalho

torno das reivindicações dos trabalhadores, e o pagamento dos dias parados. Mas numa assembléia, dia 6, na sede do Sindicato, os operários denunciaram que algumas cons-

trutoras estavam pagando parcelas do 13.º salário como se fosse o pagamento dos dias parados, violando o acertado com a Comissão de Mobilização. (da sucursal)

Greve no Hospital São Paulo contra redução de salários

Após 27 dias de greve os funcionários do Hospital São Paulo decidiram, dia 14, retornar ao trabalho. O motivo que levou os 1.320 trabalhadores do HSP à paralisação foi a proposta da empresa de reduzir e congelar os salários. Ao final da greve os funcionários conseguiram que os dias parados fossem pagos e que fossem readmitidos os 113 despedidos por não aceitar a sujeira do Hospital.

Mas a reivindicação central, que era a não redução dos salários, não foi conquistada. Muitos funcionários já deixaram claro que não vão aceitar o acordo com o HSP e serão demitidos, recebendo os direitos trabalhistas. E os que falam em continuar no Hospital afirmam que entraram na Justiça exigindo a não redução dos salários.

113 DEMITIDOS

A história da paralisação do HSP começou quando seu diretor, Jair Xavier Guimarães, apareceu com a exigência de que os funcionários

engolissem uma nova tabela de salários. Um torneio mecânico, que recebia 52 mil cruzeiros, passa a receber apenas 13 mil cruzeiros. E a maioria dos funcionários que recebem entre 20 e 25 mil cruzeiros terá o salário reduzido para 9.938 cruzeiros, mais uma suplementação para atingir o salário mínimo.

Pela tabela do HSP os funcionários também terão seu

ordenado congelado. As enfermeiras, por exemplo, só ganharão novo reajuste de salário daqui a três anos.

Como nenhum trabalhador aceitou o desafio, Jair Xavier começou a caça às bruxas: na primeira semana 113 foram demitidos. No dia 18 de novembro os funcionários em assembléia decidiram decretar a greve.



Funcionários do HSP decidem o fim da greve



Servidores vão a Brasília exigir reajustes semestrais

No último dia 2 cerca de três mil e quinhentos funcionários públicos de vários Estados do país se dirigiram a Brasília para pressionar os parlamentares a votarem a favor do reajuste semestral para a categoria. A orientação inicial do governo era de que os deputados e senadores do PDS votassem contra a emenda. Mas devido a mobilização dos servidores vários congressistas do próprio PDS começaram a balançar, temendo a perda de votos nas eleições de 1982. O governo então resolveu mudar de tática: exigiu dos pedessistas que não comparecessem ao plenário, evitando o quorum.

Com isso os funcionários públicos, que são mais de dois milhões no Brasil, conquistaram uma vitória parcial. A votação da emenda foi adiada para março.

A grande mobilização desta categoria, que este ano fez inúmeras greves isoladas, deve-se ao rebaixamento salarial que sofreram por não ter direito dos reajustes semestrais. Só no ano de 1980 os funcionários públicos tiveram seu poder aquisitivo reduzido em 142%.

Empresa de ônibus de Goiás põe na rua 50 rodoviários

A Empresa de Transporte Reunidas, em Goiânia, demitiu mais de 50 motoristas e cobradores em dois meses. Nesta firma a jornada de trabalho vai das cinco da manhã às oito da noite, sem período para almoço e jantar e sem pagamento de horas-extras. As despesas com a manutenção dos coletivos são descontadas no salário.

As demissões estão ocorrendo porque a empresa não quer conceder o reajuste assinado no último acordo salarial. No lugar dos antigos trabalhadores a empresa contrata novos com ordenados mais baixos. (da Sucursal)

Funcionários gaúchos fazem greve de advertência

Uma greve de advertência no dia 16 de dezembro foi a decisão que chegaram mais de mil funcionários públicos gaúchos, na assembléia do último dia 11. Eles reivindicam: 120% de aumento sem parcelamento, reajuste semestral de acordo com o INPC, 13.º salário, piso salarial de dois e meio salários mínimos e direito a sindicalização.

A assembléia do dia 11 serviu também de resposta ao boicote e divisionismo de Plínio S. de Azevedo, presidente da Federação dos Funcionários Públicos de Porto Alegre. (da sucursal)

Operários arriscam a vida na Universidade do Maranhão

Os cem operários que trabalham na construção do Laboratório de Anatomia da Universidade Federal do Maranhão, em São Luís, não recebem botas, luvas, capacetes, nem os medicamentos de primeiros socorros. Vivem expostos ao perigo. Na concretagem trabalham descalços, tendo os pés queimados. (da sucursal)

Greve em Porto Alegre contra condições ruins de trabalho

Encerrou-se no dia 11 a greve dos 980 operários da Montreal Engenharia, uma das empreiteiras que constrói o Pólo Petroquímico em Triunfo, no Rio Grande do Sul. A empresa teve que atender as reivindicações dos operários. Ninguém mais aguentava os banheiros sujos, a comida temperada com salitre os baixos salários. Os trabalhadores ainda por cima tinham que aturar o engenheiro Petroo, mais conhecido como carrasco, que obrigava os acidentados a fazer horas extras para pagar os dias de licença médica.

No mesmo dia 11 os 150 operários da Calorisol também paralisavam as atividades, exigindo o cumprimento do dissídio, higiene nos banheiros, bebedouro interno e o pagamento das horas-extras. (sucursal)

Em Vitória pelego fala em greve mas ajuda os patrões

O presidente do Sindicato dos rodoviários de Vitória fala em greve, mas não mobiliza a categoria. Ele demagogicamente manobra com a exigência de pagamento do reajuste semestral aos motoristas e cobradores com a intenção de pressionar o governo para conceder aumento das tarifas dos ônibus.

Apenas quatro empresas estão pagando o reajuste de 44,99% previsto na lei. Mas enquanto isto, neste ano, as tarifas já subiram mais de 120% em três reajustes.

Os empresários dizem que estão descapitalizados e estão reivindicando um novo aumento das tarifas de 40%. (da sucursal)

Princípios número 3 mostra a realidade da URSS de Brejnev

Assinatura: 4 números: Cr\$ 600,00.
Número avulso: Cr\$ 150,00.
Pedidos: Editora Anita Garibaldi, Rua Major Queiroz, nº 200, sala 3, Bela Vista - São Paulo, SP.

Que revolução fez a China? João Amazonas mostra que foi uma revolução democrática burguesa. Seu teórico principal, Mao Tsetung, jamais compreendeu a teoria científica do proletariado.

Preço por exemplar: Cr\$ 600,00
Pedidos: Editora Anita Garibaldi, Rua Major Queiroz, 300, sala 3, Bela Vista - São Paulo, SP.

Centro de Documentação e Informação Maurício C...

Camponeses de Camucim dão lição nos agressores da PM

Um policial ferido e seis lavradores presos. Este foi o resultado do mais recente choque, no dia 9, entre a PM e os camponeses da Fazenda Camucim, no município de Pitimbu, à 80 quilômetros de João Pessoa, na Paraíba. A serviço da Destilaria Tabu, a polícia tentou impedir os lavradores de reconstruir sua escola, derrubada por jagunços. Só que encontraram resistência. Houve troca de socos e pontapés.



Eufrasina, ao sair da prisão

tipo de jogo sujo. No dia 20 de novembro, a única escola existente na fazenda foi derrubada por um grupo de jagunços e uma guarnição da PM, coordenados pelo capataz da Tabu, Severino Salustino de Melo, mais conhecido como "Biu da Moto". Também des-

truíram a residência da camponesa Joana Maximino da Silva, retirando todos os objetos ali existentes. Naquele dia os poucos camponeses que lá se encontravam ficaram olhando, atônitos. "O Biu da Moto sozinho não é homem para enfrentar todo o povo junto. Por isso veio acompanhado da polícia, que só serve para ajudar a Tabu", conta dona Joana.

LAVRADORES PRESOS

Com o propósito de desvirtuar a selvageria praticada contra a escola, onde estudavam 30 crianças e havia uma turma do Mobral, os próprios jagunços da Tabu atearam fogo numa parte dos canaviais da firma e jogaram a culpa nos posseiros. O incêndio se estendeu até umas barracas de lona de uma guarnição militar que permanece na fazenda para "manter a ordem". O lavrador Oliveira Antonio da Silva e a viúva Eufrasina Lé da Silva foram apontados pela polícia como os autores da "represália".

A REAÇÃO POPULAR

Nesse momento os camponeses se juntaram para defender seus companheiros. Dia 23, mais de trezentos lavradores se concentraram na Central de Polícia de João Pessoa para pressionar o delegado a liberar os dois lavradores. O lavrador Antonio Saturnino, um dos presentes, explicou qual era a posição do grupo: "Enquanto Eufrasina e Oliveira não forem soltos, continuaremos mobilizados em frente ao prédio da Central ou onde eles estiverem. Essa é a única forma de pressão que possuímos, tendo em vista que a Justiça não existe para os camponeses". Por volta das 18 horas, os dois foram soltos, sendo recebidos com festa pelos camponeses.

(da sucursal)



Restos do casebre onde funcionava a escola de Camucim

Sete zonas liberadas na guerrilha de El Salvador

Pela primeira vez o Brasil foi visitado por um representante do movimento revolucionário de El Salvador. Ernesto, que é membro da Associação Geral dos Estudantes Universitários Salvadorenos (AGEUS) esteve presente ao 33º Congresso da UNE. A Tribuna colheu de Ernesto um relato vivo da heróica luta desenvolvida pelo povo deste país centro-americano.

VITÓRIAS EM TODA LINHA

A luta revolucionária em El Salvador conquistou uma série de vitórias nos últimos meses. No plano militar, a Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN), realizou ações de envergadura, como a Operação "Chalatenango Heróico", em outubro, onde derrotou mais de sete mil soldados do exército e destruiu a Ponte de Ouro, que liga o Sul ao Norte do país.

No plano político, consolida-se a unidade das forças democráticas e revolucionárias, enquanto a Junta Militar perde o respaldo até mesmo de setores da empresa privada, que sempre a apoiaram. E do ponto de vista diplomático, o reconhecimento da Frente Democrática Revolucionária (FDR) e da FMLN por governos, como os do México, França, Noruega, Suécia, Áustria, Holanda e Irlanda, entre outros, representou um golpe certo na política de intervenção militar preconizada pelo governo norte-americano.

MAIS DE 30 MIL MORTOS

A Junta Militar tem respondido a este avanço das forças revolucionárias com a mais brutal e sanguinária violência. Mais de 30 mil patriotas já foram assassinados. No rio Sunpul, na fronteira com Honduras, foram chacinados mais de 650 camponeses simplesmente por se suspeitarem de simpatizarem com a Frente Farabundo Martí. Muitos desses foram decapitados. Constantemente o exército bombardeia as áreas do campo com Napalm, tal como os EUA faziam no Vietnã. A universidade de El Salvador encontra-se fechada e ocupada



Ao lado, patrulha guerrilheira em Santa Ana; acima, ossadas de vítimas da Junta

militarmente desde 1980.

Mas nada consegue deter a onda popular revolucionária. Dos 14 Departamentos (Estados) de El Salvador, a FMLN desenvolve ações guerrilheiras em 13. E destes, Chalatenango, Morazan, Guazapa, Cuscatlan, Cabanhas, Usulután e San Vicente, já são zonas liberadas, onde se constrói o novo poder popular. Em Morazan, por exemplo, a Radio Venceremos, porta-voz da FMLN, emite regularmente três vezes ao dia, sem que o exército a consiga calar.

FARSA ELEITORAL

É neste quadro de autêntica guerra popular que a Junta Militar quer montar uma farsa eleitoral em março de 1982 para tentar legitimar o seu poder falido. Mas não pode haver eleições democráticas num país onde o governo leva adiante uma política de genocídio, onde permanece o Estado de Sítio, o toque de recolher obrigatório e a censura mais férrea. "O nosso povo aduba com o sangue de seus melhores filhos o caminho da verdadeira e definitiva libertação. E mais cedo do que tarde, veremos o amanhecer luminoso de uma pátria libertada pela qual lutou o nosso dirigente revolucionário Augustin Farabundo Martí, que hoje vive no coração e nos fuzis dos nosso combatentes", conclui o companheiro Ernesto. (Luis Fernandes)

EUA não conseguem apoio para agressão

Não que os governantes da maioria da América Latina tenham se tornado mais sensatos com o passar dos anos. Eles continuam os mesmos no seu pró-americanismo, anticomunismo furioso e aversão aos povos que buscam na luta a trilha da libertação. Ocorre que a crise, econômica, social e sobretudo política, sacode pelas bases o Continente. E os regimes reacionários latino-americanos sabem que seus povos não lhes perdoariam uma aventura intervencionista dessas.

A política agressiva dos Estados Unidos não obteve o sucesso que desejava na última Assembleia Geral da OEA (Organização dos Estados Americanos), realizada na pequena república da Santa Lúcia, no Caribe. O general Alexander Haig, secretário de Estado norte-americano, pretendia arrastar os demais países do Continente numa intervenção política e militar dirigida contra a luta libertadora em El Salvador, contra a Nicarágua e também contra Cuba. Pretendia usar a OEA como em 1961, quando foi decretado o bloqueio a Cuba, e em 1965, quando tropas americanas e brasileiras ocuparam pela força a República Dominicana. Mas dessa vez não se conseguiu.

Querem diminuir o salário dos trabalhadores da cana!

Os usineiros e senhores de engenho de Pernambuco nem esperaram secar a tinta do acordo salarial de outubro para começar a bombardeá-lo. Entraram na "Justiça do Trabalho com um pedido de diminuição dos salários. Os trabalhadores da cana realizaram uma assembléia geral dia 13 e prometem resistir, inclusive parando por um dia.

Os patrões querem anular o reajuste de 4% conseguido pelos trabalhadores a título de produtividade, acabar com o salário unificado e com outras conquistas. Agem com a mentalidade de seus avós senhores de escravos.

NEGOCIATA SUJA

O mais escandaloso, porém, é que primeiro os patrões pediram ao governo — e conseguiram — uma série de regalias. Conseguiram o perdão de uma dívida de 1,5 bilhão de cruzeiros e um aumento de 150 cruzeiros no

preço da tonelada de cana. Na hora de arranjar essas vantagens, eles argumentavam que precisavam pagar o aumento dos trabalhadores. Mas agora, depois de embolsar tudo, querem passar por cima do acordo salarial!

A FETAPE (Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Pernambuco) denunciou a negociata suja dizendo que "os usineiros e senhores de engenho querem diminuir ainda mais o nível de vida daqueles que lhes produzem a riqueza. Querem aumentar ainda mais os seus lu-

ros à custa do aumento da miséria dos trabalhadores".

Outra safadeza patronal é a tentativa de extinguir o desconto automático e obrigatório da contribuição sindical dos trabalhadores. Com isso os usineiros e senhores de engenho querem ganhar o controle dos sindicatos, concedendo a contribuição somente caso as entidades de luta dos explorados se curvem ao desejo dos exploradores.

DECISÃO DE RESISTIR

Diante desse ataque traiçoeiro, os trabalhadores da cana não se conformaram nem depositaram esperanças na Justiça do Trabalho. "Fichados" e "clandestinos", reunidos em assembléia geral no dia 13, decidiram partir para a luta, a exemplo do que fizeram na grande greve de 1980.

Argentina troca um general por outro

No último dia 11, o general Roberto Viola, que tinha assumido a presidência da República há apenas 8 meses na Argentina foi derrubado. Em seu lugar instalou-se o general Leopoldo Galtieri, conhecido por suas convicções fascistas e por sua proximidade com o imperialismo norte-americano. Só este ano, Galtieri esteve duas vezes nos Estados Unidos.

UM REGIME DE CRISE E FOME

Depois de quase seis anos de regime militar-fascista, a Argentina encontrou-se na mais grave crise de sua história. A atividade da indústria metalúrgica este ano caiu 45% em relação a 1980, onde já houvera uma queda de 25% em relação a 1979. A dívida externa do país passou de 27 bilhões de dólares em 1980 para 35 bilhões neste fim de ano. O dólar, que

equivalia a 2 mil pesos em janeiro, em novembro passou a valer 10,5 mil pesos. Existem 10 milhões de desempregados.

Para aplicarem esta política de traição, os generais argentinos massacraram as mais elementares liberdades. Basta dizer que existem 30 mil pessoas "desaparecidas" na Argentina. O governo é sempre exercido por um general, nomeado pela Junta Militar que tomou o poder em 1976.

Mas o golpe que derrubou o general Viola mostra que os militares não conseguem mais formular uma política comum às diversas camarilhas dos quartéis. Diante da crise, os generais se desentendem. A mudança atual não traz nenhuma esperança de melhores dias para o povo argentino. Pelo contrário representa uma reafirmação da política anti-nacional e anti-povo. E por isto mesmo aponta para um agravamento ainda maior da crise.



Leopoldo Galtieri, novo ditador da Argentina

Empresa proíbe posseiros do Cabo até de jogar futebol

Não têm limites os desmandos da empresa Suape, que pretende construir um complexo portuário multinacional no município de Cabo, Pernambuco, e tenta expulsar os lavradores locais, em troca de uma indenização irrisória.

Uma das últimas da Suape foi erguer um enorme aterro nos limites do lote 76, no Engenho Algodoados, em terras do sr. José Batista Filho. O aterro represou um riacho que corta a propriedade, pondo a perder grande parte das lavouras do lavrador. E ainda invadiu o lote com tratores, destruindo, de propósito, parte de um canal.

Na vizinha praia de Nazaré, um certo senhor Jatobá, preposto da Suape, pratica também toda sorte de violência e provocações. Chegou a proibir uma moradora, Dona Mãezinha, de consertar o telhado de sua casa. Mandou prender um dos filhos do sr. José Alves por algumas horas,



O sr. José Batista mostra o riacho represado pela Suape

porque surpreendeu-o construindo uma casa para sua irmã. Vetou o cultivo de lavouras em toda a região onde será construído o complexo portuário. E chega até requintes de arbítrio, como proibir os jogos de futebol, a venda de aguardente, a circulação de pessoas de short ou bermuda. Decidiu, ainda, que

as moças ali residentes têm que recolher-se até as 22 horas. E circula pela praia, de arma em punho, comandando toda essa escalada de violências. Os posseiros, porém, continuam firmes na decisão de não deixar a terra em troca das migalhas que a Suape oferece por suas benfeitorias. (do correspondente)

ABC do socialismo

Tito troca por dólares o socialismo na Iugoslávia

Numa época crucial da luta entre socialismo e capitalismo, Tito, da Iugoslávia, vendeu seu povo e a classe operária a troco dos dólares americanos e ingleses. Para vencer a resistência revolucionária do povo, prendeu, matou e "desapareceu" milhares de comunistas.

Depois da II Guerra Mundial, o proletariado tratou de impulsionar o movimento revolucionário, consolidar as conquistas socialistas e fortalecer os partidos comunistas. Em contrapartida, a burguesia procurava introduzir um "cavalinho de Tróia" nos países socialistas e nos partidos operários, promovendo no seu interior correntes oportunistas e revisionistas.

A TRAIÇÃO DE TITO

Na Iugoslávia, onde o povo valentemente expulsava o invasor nazi-fascista, Josip Broz Tito, dirigente do Partido Comunista, em troca de créditos e financiamentos dos imperialistas, vendeu a pátria e a classe operária e passou a solapar a construção do socialismo no país.

Tito e seu grupo diluíram o Partido Comunista na frente popular, liquidaram a sua disciplina proletária e o transformaram em uma associação de estudo e propaganda, incapaz de exercer a direção revolucionária. Deformaram o poder do proletariado. Em vez do Estado centralizado, sob a direção do Partido, diluíram o poder pelas regiões do país, para retirá-lo das mãos da classe operária.

No campo estimularam a propriedade privada e abandonaram a coletivização da agricultura. Atualmente 90% das terras estão nas mãos de particulares. Na indústria, instalaram a chamada autogestão. Na verdade, com isto, ao nível da classe operária dirigiu o conjunto da economia do país, os destacamentos operários são



Popovitch, na resistência

divididos por empresa e passam a competir entre si, alimentando o espírito particularista e individualista. Além disso as empresas passam a ser dirigidas por burocratas aburguesados e cada vez mais distantes dos trabalhadores. Estas transformações reforçaram o capitalismo no país. Atualmente existem mais de 1 milhão de desempregados na Iugoslávia. A dívida externa

do país já supera os 11 bilhões de dólares. Um dirigente de empresa ganha um salário 40 vezes maior que o de um operário.

Os revisionistas titistas passaram a adotar uma política externa burguesa. Desde 1947, o governo iugoslavo tenta, inutilmente, destruir o partido do proletariado da Albânia e anexar este país ao seu território.

OS COMUNISTAS

Tito e seu grupo impuseram sua traição ao povo a ferro e fogo. Mais de 200 mil comunistas foram expulsos do Partido entre 1948 e 1952. Inúmeros revolucionários foram presos e assassinados. Muitos morreram em circunstâncias misteriosas, como Miladin Popovitch, Stalin, à frente do PC da URSS e de todo o movimento comunista mundial, denunciou, desde 1948, a traição de Tito. Porém mais tarde os revisionistas stalinistas, comandados por Krushov, embarcaram no mesmo caminho de Tito, como veremos a seguir.



Neste número destacamos a carta de operários da Convap, responsável pela construção da estrada de ferro Carajás. Eles denunciam que a repressão por lá é tanta que a empresa chega a manter uma sub-delegacia na própria obra, para melhor reprimir e intimidar os funcionários. Sob ameaças, eles são obrigados a submeter-se aos caprichos do patrão, que pouco se preocupa com suas condições de trabalho e de vida no local. Esta carta mostra bem como os patrões encaram seus empregados. Em alguns locais a exploração é mais disfarçada. Mas onde a fiscalização da massa é menor, onde a pressão das lutas se sente menos, eles chegam a esse tipo de excesso, chegam a usar a força bruta abertamente.

Muitas outras cartas denunciam a opressão e exploração na construção civil, nas fábricas, no campo, em toda parte. Escreva você também! Contribua para fazer sua denúncia sobre a situação em que vive nosso povo. E relate também as experiências de luta, as formas que as massas vêm encontrando para se livrar desta opressão, defender seus direitos e brigar por um mundo melhor. Esta seção é sua. De Norte a Sul do Brasil, ajude-nos a fazer este jornal! (Olivia Rangel)

Operários da Icasa exigem seus direitos

Estou escrevendo esta carta para contar o que está acontecendo em Cataguases com os operários da construtora Icasa.

Com a participação de cerca de 190 trabalhadores, fizemos um comício em Cataguases, quando trabalhadores e lideranças locais repudiaram a lentidão do processo de decretação de falência da Icasa Construtora Imobiliária Ltda, acusada em processo de utilizar manobra para alcançar a decretação. "Esta deve ser anulada — declara Evandro Teixeira, advogado de 60 trabalhadores — pois constatei várias irregularidades da firma".

A concentração foi em frente à Câmara dos Vereadores. E além dos trabalhadores da Icasa compareceram operários de outras empresas e estudantes. A vereadora Joana D'Arc Resende, do PMDB,

e outras lideranças locais fizeram pronunciamentos. Falaram também os trabalhadores da Icasa que em 1977 foram mandados embora por esse mesmo motivo e que agora querem seus direitos. Há cerca de 4 anos 200 trabalhadores foram demitidos, entre os quais serventes, carpinteiros, armadores, encarregados e outros, que ainda esperam receber seus direitos trabalhistas, como abono, férias, 13º além de seus salários.

A Icasa também deve à Caixa Econômica Estadual, um de seus maiores credores. A declaração da firma é questionada no próprio processo, pelo promotor José Joaquim da Silva que já teve o processo nas mãos em 1978, quando era titular da Comarca de Cataguases. (Um operário da Icasa — Cataguases, Minas Gerais).



Comprebem só sabe é explorar funcionários

Nos supermercados Comprebem de João Pessoa, Paraíba, acontecem os maiores abusos e arbitrariedades contra os humildes e indefesos funcionários que ali trabalham.

As operadoras (caixas) além de sofrerem agressões morais, por parte de seus chefes de seção (fiscal) são vigiadas com impertinência tal que chegam a ficar nervosas e cometer erros no desempenho de suas atividades. O horário de entrada é rigorosamente obedecido, porém o de saída, fica ao bel prazer da firma. Há operadoras que entram às 10 horas da manhã, devendo sair às 20hs. No entanto, só saem quando a loja liberar, muitas vezes às 22:30hs sem receber hora extra.

Tendo o Ministério do Trabalho fiscalizado uma das lojas dessa companhia fez reclamação quanto o número de horas extras sem remuneração dos funcionários; o gerente da loja reuniu o bloco dos funcionários e os orientou, obrigando-os com ameaças, a bater o ponto de saída na hora determinada e voltar

a trabalhar até receber ordem para sair.

Os armários dessa loja dos funcionários são abertos, ficando as bolsas e objetos pessoais dos mesmos, expostos a saques e roubos de pessoas inconscientes que ali trabalham.

Os balconistas de frios, por exemplo trabalham 10 a 12 hs diárias sem direito a reclamação nem remuneração extra. Têm que descarregar todos os caminhões que chegam com cargas para aquela sessão, mesmo que tenha passado da hora de saída do funcionário.

Há operários que moram em bairros distantes, trabalham o dia todo sem refeição, chegando a cair de fome. Lamentamos que isso aconteça aqui em João Pessoa, e fazemos um apelo a nossos companheiros funcionários da Comprebem, assim como a todos que se encontram nas mesmas condições de injustiça, que se unam, conversem, discutam seus problemas com os colegas e tentem juntos mudar esta situação. (M.C. — João Pessoa: Paraíba)

Construtora em Carajás é um campo de concentração

A Convap tem uma sub-delegacia na obra para reprimir os operários da ferrovia

Gostaria de dizer das coisas absurdas praticadas pela "Construtora Alcindo Vieira-Convap" na sua obra 361 - Estrada de Ferro Carajás.

A péssima administração desta obra para manter a ordem e a disciplina dentro de suas instalações mantém uma sub-delegacia de polícia no próprio canteiro. Teme que seus funcionários, insatisfeitos com as condições em que vivem,

venham a trazer problemas.

No mês de maio o aumento dado pelo governo foi de 40%. A Convap se firmou em não sei qual lei trabalhista e parcelou esse aumento. Deu uma quantia mínima em maio, outra em julho e, por fim, agora em novembro deu o resto. Posso garantir que mesmo essas três parcelas juntas não deu os 40%. O aumento de novembro dado pelo governo nós não recebemos. Como o pagamento da empresa é semanal, esperamos o dia 15, quando sai o primeiro pagamento. Mas não veio nada desse

aumento e sim a última parcela do mês de maio.

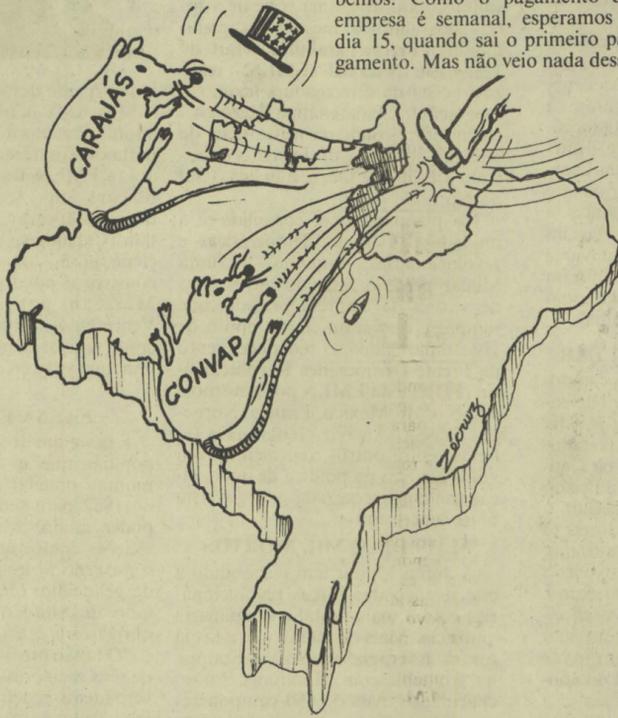
A direção do setor de usinagem e mecânica pesada, sem engenheiro desde abril, demitia os ferroviários sem um justo motivo mas sempre alegando "justa causa", sem dar os direitos dos mesmos. Comenta-se que só em Brasília, no Ministério do Trabalho tem 53 entradas de reclamações de ex-empregados da Convap Obra 361-Carajás.

A Convap não paga direitos de acordo com a CLT, pois não paga adicional noturno e mantém dois turnos de trabalho, dia e noite. O Fundo de Garantia não é sempre depositado em nome do demitido. Dois guardas de segurança foram demitidos. Como os mesmos eram do Piauí deixaram o FGTS no Bradesco para descontá-lo na volta do Piauí, onde foram ver a família. Quando retornaram o Bradesco afirmou que há 3 meses a empresa não fazia depósito. E outros casos desta natureza sempre se verificam na obra.

Um motorista, que se recusava a assinar sua demissão, foi ameaçado pela polícia. Em julho um empregado foi ferido a tiros de revólver e fuzil. Nenhuma providência foi tomada, pois as autoridades locais e a Convap trataram de não permitir que o fato fosse de conhecimento público.

A polícia e a segurança da Convap espancam todo mundo a qualquer sintoma de embriaguez no canteiro. A polícia cobra um salário extra dos proprietários dos pequenos botecos.

(Um operário da Convap - Imperatriz, Maranhão)



Companhia de navegação de Belém corrompe o Sindicato

Escrevo esta carta para através dela denunciar as irregularidades no Sindicato dos Marítimos em Belém e na firma Jonasa.

O Sindicato dos Taifeiros e Cozinheiros em Belém não se interessa pela classe e seu presidente sempre está recebendo presentes da Companhia de Navegações Jonasa. Quando há dissídio coletivo o presidente do Sindicato almoça ou janta com o sr. todo poderoso da

navegação fluvial da Amazônia. Ele se chama Joaquim Fonseca e é o maior explorador dos marítimos de todo o Brasil.

A Capitania dos Portos do Pará, com sede em Belém, apoia os desmandos do sr. Fonseca. Há rumores de que um certo capitão de mar e guerra que foi capitão dos portos do Pará foi presenteado com um carro pelo sr. Fonseca, proprietário da Jonasa.

Esse sindicato não se interessa pela classe e está cheio de pelegos incompetentes. As embarcações da Jonasa navegam sem a mínima segurança e ainda não pagam as horas-extras. Existem puxa-sacos para todos os lados. Escrevi esta carta meio escondido do puxa-sacos.

(J.G.O. - ex-marítimo - Várzea Grande, Mato Grosso)

Empreiteira de Sabará acha que alimentação é luxo

A APS (Argentino Pereira da Silva) é uma empreiteira da construção civil de Sabará. É uma grande exploradora o que ela faz com seus trabalhadores. Paga para pintar todas as esquadrias de uma casa apenas mil e 300 cruzeiros para seus pintores. Só que a maioria dos pintores gasta pelo menos uma semana para pintar as esquadrias de uma casa. Imaginem o que é um pai de família vivendo com apenas Cr\$ 5.200,00 mensais.

E quando o pessoal vai pedir aumento, o dono dela, seu Argentino, ainda diz que está pagando bem.

Um rapaz de Belo Horizonte foi contratado por esta empreiteira para trabalhar em Sabará, ganhando também a comida. Como ele não conseguiu produzir o que a empreiteira queria, eles não queriam deixar o rapaz comer.

A APS faz empreitada para outra firma, a Ward Simão. Esta firma está construindo casas populares para os trabalhadores da Belgo Mineira. O serviço é tão ruim que 3 casas caíram. E o Sindicato não toma nenhuma providência.

O pessoal que quer as casas tem



que depositar até janeiro 41 mil cruzeiros e depois tem que continuar pagando mais. Eles não deixam sequer os compradores verem as casas.

E depois o Argentino da APS ainda vem com conversa mole dizendo que é crente.

(Um colaborador da TO de Sabará - Minas Gerais)

Homenagem ao Araguaia

Esta canção foi apresentada no Festival de Música da cidade de Eloi Mendes, em Minas Gerais, em homenagem à guerrilha do Araguaia. Ou era o frio que ardia que os fazia tremer ou era o medo dos macacos que os punha pra correr.

Embrenhando mata a dentro por entre os arrozais só via gente escondendo correndo mais que satanás.

Foi ouvido um tiro seco uma alta voz de comando era a baixa dos macacos um homem caiu sangrando um dos rebeldes gritou tá chegando a nossa vez nós contamos com a ajuda do rifle do camponês.

Mas sua alegria não demorou o homem não bobocou e mais tropas enviou e foi aí que a coisa engrossou.

E foi matança na cidade até chegar no cerrado e prá encurtar a história muitos foram degolados aqueles que não morreram num buraco foram atirados além de perderem a luta tiveram o cérebro lavado.

(Quinteto Canto Geral - Alfenas - Minas Gerais)



Prefeito promete asfalto de graça e depois cobra

Em Presidente Prudente, as demandas políticas e administrativas são fatos normais. No Conjunto Habitacional Bartolomeu Bueno de Miranda, a COHAB está construindo com o dinheiro dos trabalhadores e está se desenvolvendo um movimento para o não fechamento do asfalto.

O asfalto tinha sido doado como presente do natal pelo prefeito Paulo Constantino. Os moradores não aceitaram pagar porque quando mudaram no bairro já existia o asfalto. Por isso já realizaram várias reuniões, com a presença maciça dos moradores revoltados com o prefeito. No último dia 16, aproximadamente 400 moradores da COHAB, se dirigiram até a Câmara Municipal, com faixas e cartazes para protestar contra o prefeito. O prefeito em exercício Benedito Aparecido do Lago se mostrou ainda mais incompetente. Uns dias antes não recebeu o Deputado Mauro Bragato do PMDB e um grupo de moradores de vários bairros prudentinos que foram reivindicar melhorias para o bairro. Ainda mais, chamou o Deputado Mauro Bragato de agitador e político desonesto.

A incompetência é marca registrada desse regime que oprime o povo há 17 anos, mas com a união e organização do povo derrotaremos esse governo que dá todo o apoio às multinacionais e aos latifundiários. O povo em Presidente Prudente se organiza, os mutuários da COHAB não aceitam pagar o asfalto e os moradores de outros bairros voltarão a prefeitura para reivindicar melhores condições de vida.

(A.M.D. - Um Colaborador de Presidente Prudente - São Paulo)

Jardim Paulistano vai criar uma Sociedade Amigos

Chegou a vez do povo abrir os olhos e lutar para um tipo de vida digna de um ser humano.

Nas condições de vida atuais, o homem luta para sobreviver trabalhando de sola sole no dia de pagamento não sobre dinheiro nem para comer. Então eles se vêm na necessidade de abrir a boca no mundo, vão à luta gritam: queremos casa, queremos comida, roupa, água, luz, asfalto, creche, posto de saúde. Antes que o desespero tome conta dessa população, um grande passo é a união porque muitas cabeças pensando é melhor do que uma. E assim começa a esperança e a força para debaterem e procurar o apoio como o de procurar os seus direitos.

Nas imediações de Vila Brasilândia, já se tem conhecimento de um povo unido, que vai a luta com unhas e dentes para conseguir suas reivindicações.

Estou falando dos moradores do Jardim Paulistano que estão mostrando que o negócio é se unir, fazer reuniões, e partir para a luta com fé e coragem e pedir o que lhes é direito.

Aqui ficam nossos parabéns a este povo, que com toda esta força vai remover atitudes montanhas, e aguardando que todos participem desta luta com grande entusiasmo e coragem. (Comissão pró-sociedade amigos do Jardim Paulistano São Paulo - SP)

No Maranhão Plano de Emergência só humilha o povo

Quero aproveitar as páginas deste valioso jornal para denunciar um fato que muito vem me revoltando aqui em nossa cidade: o tal do plano de Emergência, criado pelo governo é uma verdadeira humilhação para o povo pobre.

Na porta da garagem da prefeitura, só vendo: o pessoal tem que enfrentar enormes filas para poder receber arroz, feijão e óleo. O arroz é só o xerem com pedra, o feijão não cozinha e o óleo nem cachorro quer porque é ardido e fedorento. Mas mesmo assim o povo se arrisca a receber.

Os encarregados só prestam para humilhar o povo, empurram as crianças dos pobres, são aborrecidos, só vendo para crer. O que não presta dão para o pobre, o arroz bom fica pra eles, os empregados da prefeitura. Eles sim carregam o bom. E tem mais: todo dia os encarregados levam o arroz às 11 horas e 17 horas da tarde.

Para aproveitar o prefeito pegou o dirigente da Igreja Católica e o pastor da Assembleia de Deus para melhor fazer o jogo político tanto do prefeito como do governo.

Agora chegou uma farinha muito boa para ser distribuída, acontece que o pessoal encarregado já falou que esta farinha não vai ser distribuída, pois não é para o povo.

Agora eu me pergunto: para onde vai esta farinha? (J.A. - Uma amiga da TO em Póçoão da Pedras, Maranhão)



Brejnev orientou o golpe

“Não pretendemos dar um golpe nem instaurar uma ditadura militar” — disse o general Jaruzelski, ao anunciar à Polônia e ao mundo que dera o golpe e implantara a ditadura. Seu discurso obedece, linha por linha, às “advertências amigáveis” da famosa Carta de Brejnev, de 5 de junho.

No momento em que fechamos esta edição a Polônia permanece isolada do mundo e é cedo para se aquilatar o grau da resistência ao golpe, embora haja notícias de várias greves e da ocupação dos estaleiros de Gdansk pelos operários. Mas já é perfeitamente possível aquilatar a subserviência do general Wojciech Jaruzelski em relação a Leonid Brejnev.

Brejnev dizia: “Defendemos com vigor a necessidade de reforçar no país a autoridade dos organismos da ordem pública e do Exército”. Jaruzelski colocou todo o país sob as ordens de um certo “Conselho Militar de Salvação Nacional”, e despachou “comissários militares com poderes especiais”, para “supervisionar” toda atividade nacional, desde os ministérios até os municípios.

O chefe do revisionismo soviético afirmava também que “no seio do próprio POUP a situação tornou-se objeto de preocupação particular”. Jaruzelski não teve dúvidas: deixou de lado por completo o partido que dirige. Em seu discurso não há sequer uma alusão

ao papel do partido. Brejnev falava ainda do “controle dos meios de informação de massa”. O general polonês proibiu a circulação dos jornais, com exceção de dois, sob sua tutela direta.

Esses fatos, mais os aplausos ao golpe na imprensa soviética e de seus satélites, não deixam lugar para dúvidas. Por trás da quartelada de Varsóvia, encontra-se o dedo de Moscou. Era o detalhe que faltava para igualar os métodos de domínio da URSS aos do imperialismo norte-americano. Até a chantagem com a “catástrofe” é idêntica à dos generais latino-americanos. Mas a crise polonesa é excepcionalmente profunda. Continuará se desdobrando. Será difícil para a ditadura de Varsóvia impor ao país a ordem-unida, como pretende.

O general golpista Wojciech Jaruzelski e um açogue polonês, completamente vazio devido à crise aguda da economia



Traição ao socialismo levou ao golpe militar

O processo que levou ao golpe de Jaruzelski vem de longe e mostra a tragédia da classe operária quando se vê privada de seu destacamento de vanguarda, genuinamente socialista.

Na II Guerra Mundial a Polônia teve 6 milhões de mortos. Quando o exército soviético escuraçou os nazistas, em 1944, o país estava em ruínas. Em 1945, formou-se em Varsóvia um governo com participação dos operários e camponeses e a missão de reconstruir o país. Sua primeira medida foi uma reforma agrária democrática: os 10 milhões de hectares dos latifúndios foram distribuídos aos camponeses (60%) ou transformados em fazendas estatais (40%). Isso deu grande força à aliança operário-camponesa e nas eleições de 1947 o Bloco Democrático, liderado pelo Partido Comunista, teve uma vitória espetacular. O veterano bolchevique Bodeslaw Bierut subiu à presidência.

Tudo isso, porém, encontrava encarniçada oposição das classes exploradoras e do capitalismo mundial. A Igreja Católica polonesa, altamente reacionária, era a ponta de lança dessa oposição. Mesmo no PC surgiram tipos aburguesados como Wladislaw Gomulka, que foi parar na cadeia por sabotagem.

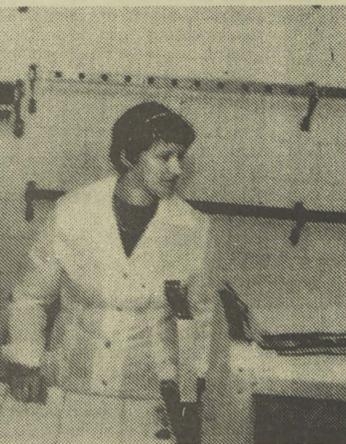
Assim, no início dos anos 50 a realidade polonesa era de avanço na construção do socialismo, mas através de uma aguda luta de classes.

MARCHA A RÉ NO SOCIALISMO

Mas em 1956, com a traição de Nikita Kruschov na URSS, a situação mudou. Kruschov estendeu a mão a tudo que havia de podre no campo socialista. Fez que Gomulka saísse direto da prisão para a chefia do partido. Bierut morreu misteriosamente, durante uma visita a Moscou. Os autênticos comunistas tentaram resistir, mas o partido terminou degenerado.

Começou a marcha a ré na construção socialista. A coletivização da agricultura deu lugar à privatização, e hoje 82% da produção agrícola vêm de propriedades privadas. Em vez de estimular o lado revolucionário do campesinato, Gomulka alimentou os aspectos atrasados, individualistas. Isto teve reflexos funestos, inclusive na mentalidade dos próprios operários.

A URSS de Kruschov e Brejnev tratou de colocar a Polónia sob sua dependência econômica, política e inclusive militar. Por outro lado, a Polónia de Gomulka passou a flertar à luz do dia com os Estados Unidos. E



o imperialismo norte-americano, a partir de 1959, começou a fornecer-lhe créditos e “ajuda econômica”, preparando terreno para disputar a Polónia com a URSS.

Ao fim, do socialismo polonês só sobrou o nome. A inflação, o desemprego, a anarquia econômica, a fome, todas as pragas do capitalismo se reuniram. E junto com elas a luta de classes entre explorados e exploradores. Em 1970, explodiram em Gdansk enormes greves operárias. Na crise caiu Gomulka e subiu Edward Gierek. Mas do ponto de vista de classe também Gierek pertencia à nova casta de dirigentes aburguesados.

A GESTAÇÃO DO GOLPE

Quando o sistema capitalista mundial entrou em crise, na década de 70, a Polónia já estava totalmente integrada nele, e como um dos seus elos mais débeis. Sua economia, altamente dependente, não suporta a carga de uma dívida externa de 27 bilhões de dólares. No campo, a propriedade privada freia a produção, e o país passou de exportador a importador de alimentos. Na indústria, os operários, novamente explorados, perderam todo interesse pela produção. O Estado trocou o centralismo democrático por uma burocracia pesada e caótica, roída de corrupção. Existem casos de altos funcionários com mansões de 40 quartos! A Igreja voltou a reinar, obscurantista como sempre, mas agora com a cumplicidade do partido, dito comunista.

Tudo isso veio a furo partir de agosto do ano passado. As greves ressurgiram, mobilizando milhões. A classe operária voltou-se contra o partido que a traía. Mas, como um gigante privado temporariamente da razão, não encontra a sua saída para a crise. Debate-se. Mas ainda não foi capaz de orientar-se. Nestas condições criou-se a central sindical Solidariedade, apadrinhada pela reação interna e externa (veja box ao lado). E nos enfrentamentos entre a Igreja, saudosa dos velhos tempos, o Solidariedade e o partido “comunista” degenerado, entre os apetites de domínio americanos e soviéticos, chegou-se ao golpe militar de domingo.



Camponês em sua propriedade particular

Colonos gaúchos não saem das terras, em Ronda Alta

“Fomos enganados pelo Curió”, afirma José Correa, um dos colonos gaúchos de Ronda Alta que se deslocou para o Mato Grosso, iludido pelo governo federal. Não suportando a situação ele voltou ao Rio Grande do Sul. Este fato reforça a resistência das 312 famílias de colonos que permanecem em Ronda Alta.

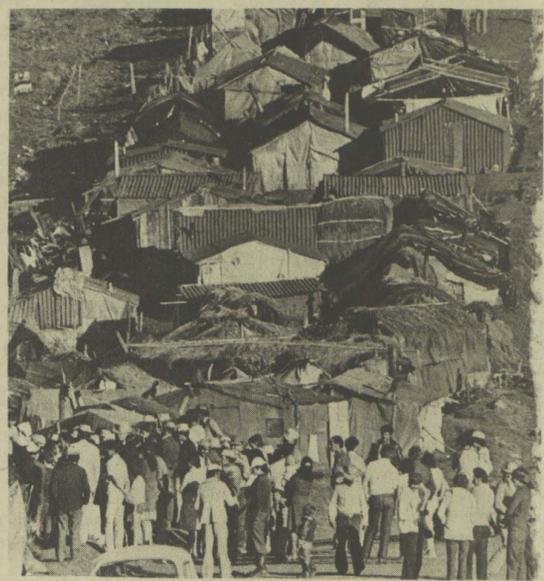
“CURIÓ MENTIU”

José Correa e mais 70 famílias de lavradores deixaram o acampamento na Encruzilhada Natalino, em Ronda Alta, enganados pelo traíçoeiro tenente-coronel Sebastião Rodrigues de Moura, o Curió. Para desalojar os colonos, Curió, em nome do governo federal, prometeu um paraíso no projeto Rio Verde, em Lucas, Mato Grosso.

“Eles mentiram, confirma José Correa. A terra não é fértil, é toda arenosa. Falaram que nós teríamos casas de sete a oito metros. Mas elas são de quatro a cinco metros e ainda estão por fazer. Eles também falaram que as terras ficavam a dez quilômetros da BR Cuiabá-Santarém, mas na verdade é à 50 quilômetros. Curió prometeu um caminho da Cobal com preços baixos, mas lá o quilo de feijão custa Cr\$ 150,00. Não há escola para os nossos filhos. Por isso que quatro colonos já voltaram para lutar por terra aqui no Rio Grande do Sul. E eu sei que tem outras 30 famílias que só não escaparam ainda do Rio Verde por falta de condições financeiras”.

MORTE DE 4 CRIANÇAS

Além de mentir o governo também reprimiu os lavradores, fazendo de Ronda Alta um verdadeiro campo de concentração. O acampamento está cercado por 200 policiais e para sair da área os colonos têm que passar por uma das quatro barreiras militares. Curió tentou corromper alguns colonos, dando de cinco a dez mil cruzeiros,



Cena do acampamento de Ronda Alta, onde vivem 320 famílias

para deixar a área. Como quase nenhum colono se humilhou, Curió começou a impedir as reuniões dos lavradores e ameaçá-los com a Lei de Segurança Nacional.

Também dificultaram as condições de vida dos colonos. O lavrador Vieira dos Santos cita um exemplo: “Os médicos residentes de Porto Alegre nos aconselharam a melhorar as nossas barracas para evitar a desidratação, já que elas são de lona e esquentam muito. Só que os policiais nos impediram. Agora nós temos várias crianças doentes no acampamento”.

Em quase um ano que os colonos estão em Ronda Alta quatro crianças morreram. “Duas não aguentaram porque as mães não tiveram comida na gravidez”, conta Antônio Alves.

150 EM PORTO ALEGRE

No dia sete de dezembro uma caravana de 150 lavradores de Ronda Alta se deslocou até Porto Alegre. Eles foram cobrar do governador Amaral de Souza as terras que ele prometeu. Foram recebidos no Palácio do Gover-

no por um forte aparato repressivo, com cães adestrados e ostensiva circulação de viaturas policiais.

O governador afirma que não há mais terras no Rio Grande do Sul. “Ele também quer que a gente vá para o Mato Grosso. Mas nós já constatamos a situação daquela área. Nenhum de nós quer ir para lá, para daqui a um ano voltar para o Sul com uma mão adiante e outra atrás, sem nada”, diz Izidoro.

E Antônio completa: “Essa história de que não há terra no Rio Grande é mentira. Tem uma fazenda perto de Sarandi, Carazelo e Passo Fundo que tem nove mil hectares e está desapropriada há dez anos. Pertence ao Inbra. Quando a gente falou desta terra ao governador ele disse que lá vai ser reserva florestal. Engraçado: quando é para distribuir para os pequenos, eles vem com esta desculpa. Agora, quando é para os grandes fazendeiros e granjeiros até o Banco do Brasil dá dinheiro”.

Isidoro enfatiza: “Nós vivemos na miséria, sem casa e sem roça para plantar, mas não é por falta de vontade de trabalhar. (da sucursal)



A polícia atacou com metralhadoras os moradores



Famílias de posseiros de Vitória expulsas pela PM

Um grupo de policiais armados com revólveres e metralhadoras, comandados pelo delegado Josina Bragança, desalojaram no início do mês mais de 50 famílias que ocupavam desde junho uma área de 17 hectares no bairro de Joana D'Arc, em Vitória, no Espírito Santo. Os policiais sequer deram tempo aos moradores para retirar seus pertences dos barracos, que foram destruídos e queimados.

Usando de extrema violência, entraram disparando suas armas e, acabaram por ferir com um tiro no pé o mecânico de 21 anos, Maurílio de Oliveira. Um menino de sete anos, excepcional, ficou perdido no matagal, ao fugir do tiroteio. Só foi encontrado à noite, quando a polícia deixou o bairro de Joana D'Arc.

“VAMOS VOLTAR”

Os membros da comissão de posseiros garante que as famílias expulsas não têm para onde ir, ganham mal e muitos chefes de família estão

desempregados. Roque Gusmão, motorista, pai de 3 filhos, ganhando 23 mil por mês, diz que não aguenta mais pagar aluguel e que a solução de trabalhadores como ele é ocupar terrenos ociosos para fazer um barcaro e “se livrar do aluguel”.

A Imobiliária São José e o grã-fino Antônio Costa Firme reclama a posse da área, mas não apresentaram documentação. “Nós não reconhecemos o documento deles e por isso vamos voltar à região assim que a polícia deixar de vigiar”, comenta Roque.

150 MIL POSSEIROS

Neste Estado, as ocupações de áreas livres também já são uma realidade. Segundo os próprios dados oficiais, hoje existem mais de 150 mil posseiros urbanos em 14 áreas da Grande Vitória. Em Vila Velha, por exemplo, só na região de São Marinho, há 27 mil ocupantes.

Para Nelson Aguiar, conhecido como deputado dos posseiros, uma das razões das ocupações de terrenos por

trabalhadores carentes, é a política agrária do governo, que considera “o filho da vaca mais importante que o filho do vaqueiro”.

Segundo o deputado, o aumento do número de ocupações de terra no Espírito Santo, se deu após as inundações de 1979, que deixaram milhares de lavradores sem terra. O início das obras da Companhia Siderúrgica de Tubarão também trouxe para a capital muitos trabalhadores, iludidos com a falsa idéia de novos empregos.

Ele critica a lei estadual 719, no artigo 63, que autoriza a polícia a reprimir os ocupantes de terrenos particulares. “Basta um telefonema anônimo para que a repressão venha em cima dos posseiros urbanos”.

Nelson Aguiar é de opinião que muitas ocupações não conseguiram ainda se consolidar devido a falta de entrosamento entre os posseiros e as forças populares e democráticas.

(da sucursal)



Walska, apadrinhado pela Igreja

O papel nocivo do Sindicato Solidariedade

O Sindicato Solidariedade apareceu como desdobramento do comando das greves de agosto de 1980. Ganhou prestígio apoiando as justas reivindicações de melhores condições de vida e de trabalho. No início, não se pronunciava contra o socialismo mas recentemente já propunha um plebiscito “para escolher qual o melhor regime”.

Aproveitando-se da degeneração burguesa do Partido do poder, (POUP) passou a difundir concepções contra a necessidade de uma vanguarda revolucionária da classe operária. Utilizando o descontentamento geral contra o controle burocrático exercido pelo POUP sobre as uniões profissionais, passou a combater a idéia do centralismo democrático e a exigir sindicatos independentes, em oposição aos existentes. Em abril de 1981 passou a defender a autogestão das empresas, combatendo a centralização da economia e pregando a descentralização capitalista.

PATROCÍNIO OCIDENTAL

O Solidariedade teve a paternidade direta da Igreja polonesa, mas cada vez mais fica evidente o patrocínio da burguesia ocidental. Seu líder principal, Lech Walska, não perde uma oportunidade para promover a igreja e a religião e não por acaso foi recebido com grande publicidade no Vaticano. A poderosa central sindical americana AFL-CIO, controlada pela CIA, levantou recentemente 300 mil dólares para o Solidariedade, entregues diretamente por seu presidente Lane Kirkland. É seu único escritório de representação fora da Polónia em Nova York.

Apesar de se apresentar como representante dos operários, no congresso em setembro deste ano, apenas 25% dos delegados eram operários. E não é de surpreender que suas propostas de caráter anarco-sindicalistas causem entusiasmo em grupelhos pequeno burgueses no ocidente. O Solidariedade é a proposta burguesa ocidental para os poloneses, em oposição a proposta também burguesa dos revisionistas de Moscou.